

Poesia e identidade em Minas Gerais: a construção da memória

Melânia Silva de Aguiar*

Resumo

Na obra de muitos poetas canônicos da história literária de Minas Gerais, como Cláudio Manuel da Costa e Carlos Drummond de Andrade, a memória está intimamente ligada às origens do Estado e à tentativa de construir uma identidade individual ou coletiva, sempre em processo, em permanente abertura, preservadas, entretanto, nessa construção, as marcas da tradição. Este trabalho pretende mostrar em poemas ou em fragmentos de poemas esse movimento de volta ao passado e, simultaneamente, a contribuição daqueles poetas à constituição de uma identidade coletiva em contínua e complexa formação.

Palavras-chave: Poesia; Identidade; Tradição; Minas Gerais.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas finas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

(“Memória”, Carlos Drummond de Andrade)

Falar de identidade nos dias atuais é aventurar-se em terreno escorregadio, eivado de rachaduras inesperadas ou, em termos mais objetivos, de sentidos complexos e deslizantes.

Isso ocorre em grande parte porque os estudos contemporâneos sobre a identidade não estão circunscritos a campos específicos do conhecimento nem a determinadas posições teóricas advindas da tradição. Assim, a questão

* Professora de Literatura Brasileira no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

da identidade, e com ela a da subjetividade, tem-se colocado hoje de forma expressiva tanto nos campos da economia e da política, quanto nos da filosofia, da psicanálise, das artes, das ciências em geral, dando lugar à utilização simultânea dos mais diversos conceitos e referenciais teóricos. De modo geral, esses estudos deixam-se orientar por dois tipos de paradigma:

- 1) paradigmas da modernidade, da tradição racionalista de raiz hegeliana, visto o sujeito como pluralidade, e a identidade como “forma de totalização ou completude do heterogêneo”;
- 2) paradigmas da pós-modernidade, ou da “crise da modernidade”, em que o sujeito é visto em sua complexidade, encerrando as noções de “instabilidade, descontinuidade, abertura”, em contraposição à tradição moderna.¹

Para o senso comum, os fatores considerados como suportes ou “âncoras” da identidade são: o território (entendido como o espaço, geográfico ou político, da origem); a língua (mais propriamente a língua materna); a comunidade (família, raça, profissão, geração etc.) e os costumes (modos de vida, crenças, hábitos herdados da tradição). As literaturas de diferentes épocas e origens testemunham a importância desses fatores de “ancoragem”, acusando, da parte do escritor, uma busca ou definição, ainda que provisória, ou ilusória, da identidade, seja do ponto de vista individual, seja do ponto de vista coletivo.

No caso da literatura produzida em Minas Gerais, desde seu surgimento no século XVIII, isso não poderia ser diferente, e o exame da produção poética de dois pilares da poesia mineira, Cláudio Manuel da Costa, arcadista, e Carlos Drummond de Andrade, novecentista e modernista (vamos restringir nosso campo de análise à poesia e, sobretudo, à desses dois grandes poetas) revela dois procedimentos, relativos à memória individual e à memória coletiva, atuantes e complementares na construção de uma “possível” identidade mineira, ou da “mineiridade”, isto é: de um lado, a recorrência aos elementos da memória ou da tradição na reconstituição de uma pretensa identidade individual e/ou coletiva, perdida ou ameaçada; de outro, a contribuição, voluntária ou não, para a construção ou o reforço de uma identidade coletiva, que na verdade não se completa nunca, pois está em permanente processo de formação. A poesia, como as outras artes, filha e guardiã da

¹ Sobre o tema ver, de Inês Signorini, o extenso capítulo “Língua, linguagem e identidade em questão” (1998, p. 335-336).

memória (ou Mnemosine, como queria a mitologia grega) apresenta-se, assim, tanto como o espaço da lembrança, vista como possibilidade de resgate da identidade, quanto da construção de um legado, transferido às gerações que chegam e gradualmente somado a esse edifício identitário, em formação permanente.

No poema “Legado”, de Carlos Drummond de Andrade (*Claro enigma*, 1951), pode-se perceber com evidência o que se quer dizer com “contribuição para a construção ou o reforço de uma identidade coletiva”, ou a presença de um elemento novo acrescentado ao edifício da chamada “mineiridade”.

Nesse poema, o poeta faz alusão a outro, o famoso “No meio do caminho” (*Alguma poesia*, 1930), escândalo da época e que, segundo Drummond, dividiu as pessoas em duas categorias mentais, ficando, nas palavras do poeta, como um legado seu. Na verdade esse poema, dos mais conhecidos de Drummond, já constitui – dizemos nós – um elemento novo incorporado à tradição, algo que identifica de alguma forma toda uma comunidade, sendo já do domínio popular e não só da tribo dos letrados. No fecho de “Legado”, o poeta, aludindo no último verso ao polêmico poema publicado 21 anos antes, responde às perguntas iniciais sobre o que restaria de seu para a posteridade:

Que lembrança darei ao país que me deu
tudo o que lembro e sei, tudo quanto senti?
Na noite do sem fim, breve o tempo esquece
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano eu a ti.
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
Uma pedra que havia em meio do caminho.²

² Além desse poema, “No meio do caminho” (1973, p. 236), que remete a Dante e ao verso inicial da *Divina comédia*, o poeta produziu inúmeros outros que, por sua popularidade, constituem outros tantos legados. De alguma forma eles “desenham” a identidade da origem.

Do primeiro procedimento – isto é, a recorrência aos elementos da memória ou da tradição na reconstituição de uma pretensa identidade perdida ou ameaçada – a literatura mineira oferece inúmeros exemplos. Emílio Moura é um desses poetas que buscam um “eu” no tempo, tentando frustradamente percorrer um roteiro de volta ao passado, do qual não consegue decifrar os sinais. Vários de seus poemas denunciavam essa busca fracassada da subjetividade. No poema “A casa”, em que tenta reencontrar a paisagem familiar da infância, fica evidenciada a necessidade do suporte da origem, suporte, no entanto, que lhe escapa, eliminando qualquer possibilidade de definição do sujeito, como se lê no final do poema:

Tão pequeno,
tão fragmento de sombra,
tão sombra, já não sou nada.
Apenas parte, ah, tão leve,
desta sombra que me apaga,
dentro da Casa, do mundo,
deste vácuo que me apaga
em mim.³

Já no poema “Patrimônio”, de *A paixão medida* (1980), de Carlos Drummond de Andrade, os suportes da identidade “território e língua” são buscados na tradição e vistos pelo poeta como riquezas inseparáveis:

Duas riquezas: Minas
e o vocábulo.
Ir de uma a outra, recolhendo
o fubá, o ferro, o substantivo, o som.

Numa, descansar da outra. Palavras
assumem código mineral.
Minérios musicalizam-se em vogais.
Pastor sentir-se: reses encantadas.⁴

Desse patrimônio o poeta não quer nem pode descartar-se, pois são riquezas que lhe permitem transitar de uma para outra herança, de Minas (o território), para o vocábulo (a língua). De tal forma se fundem que uma assume os traços do outro (“Palavras assumem código mineral. / Minérios

³ Esse longo poema, presente em *Itinerário poético* (1969, p. 227), é uma emocionada volta à casa da infância, onde o poeta busca surpreender o menino que foi, como se aí residisse sua verdadeira identidade.

⁴ Esse poema, de um dos últimos livros do poeta (1980, p. 35), testemunha a constância de uma temática que os anos não conseguiram elidir.

musicalizam-se em vogais”), já não se podendo distinguir o território, lugar de origem, da língua, do vocábulo, das palavras: musicalização dos minérios, aqui representando, metonimicamente, a fusão da língua herdada e do território de origem. Esses dois suportes assumem na imaginação do poeta o estatuto de “reses encantadas”, sendo ele próprio, poeta, o pastor que domestica e conduz esse rebanho, patrimônio intransferível.

Essa volta amorável às origens⁵ percorre a poesia de Drummond desde seus primeiros livros e, ao mesmo tempo que tentativa de reconstrução de uma identidade individual, a do poeta que se define por seu patrimônio pessoal, é também uma contribuição significativa para a construção de uma identidade cultural, digamos “mineira”.

Podemos nos perguntar: mas que Minas é esta de que fala o poeta, Minas do fubá e do ferro, Minas mineral sujeita à musicalização das palavras, ao som de suas vogais? Essa é a Minas do poeta, de certa tradição pessoal, mas também viva no imaginário social, na tradição coletiva que se faz mais viva com a circulação de poemas como esses.

Essa “pátria imaginária” estará presente também, ainda que sob diferente perspectiva, na raiz da poesia feita em Minas Gerais no século XVIII, ou seja, com nossos árcades, como Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto. Herdeiros de uma tradição cultural que se vê em oposição crescente aos anseios políticos locais, nossos primeiros poetas viveram um conflito de identidade difícil de ser administrado, conforme testemunham seus versos. Ora reverenciando a herança portuguesa, ora refutando-a em nome do apego aos valores locais, viveram o drama dos exilados na própria terra, divididos entre dois territórios, duas culturas, duas formas de identidade. Se considerarmos as condições de existência do intelectual brasileiro à época, veremos que eles exercitaram, na expressão do escritor argentino Ricardo Piglia, a “mirada estrábica”, ou seja, um olho posto na tradição européia portuguesa, outro na realidade local.

Alvarenga Peixoto, no poema conhecido como “Canto genetliaco”, exalta o valor dos novos brasileiros, das crianças que vão nascendo no novo território e que possuem tantas ou mais virtudes do que os nascidos em Portugal:

⁵ Sabemos que essa volta “amorável” da poesia de Drummond ao espaço da origem nem sempre foi possível; entretanto, indiferente não foi: a revolta do poeta diante das mudanças, como se vê, por exemplo, no poema “Triste horizonte”, não deixa de ser, no fundo, canto de amor.

Bárbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos;
Revolvam-se no horror das sepulturas
Dos primeiros avós os frios ossos:
Que os heróis das mais altas cataduras
Principiam a ser patrícios nossos;
E o vosso sangue, que esta terra ensopa,
Já produz frutos do melhor da Europa.⁶

Mas é em Cláudio Manuel da Costa que a questão da identidade assume proporções dramáticas. Em vários de seus poemas presencia-se o drama do desterrado, do exílio vivido numa terra agreste, sem Ninfas ou Dríades amorosas, fora de sintonia com as amenidades de uma natureza ou de uma Arcádia paradisíaca. Ora considera feia a paisagem local, e turvas as águas do Ribeirão do Carmo, ora cria uma fábula (a “Fábula do Ribeirão do Carmo”), para contar a origem mítica do ribeirão e suas grandezas; ora nega a existência das “ninfas do pátrio rio”, que deveriam inspirar os poetas, ora se envergonha de desconhecer-las, buscando retratar-se. O sentimento do exilado vai-se, no entanto, transformando com o tempo, e a identificação gradual do poeta com a terra natal pode ser acompanhada ao longo de sua vasta obra. Dirá o poeta, numa fase mais madura de sua poesia:

Ninfas do pátrio Rio, eu tenho pejo
Que ingrato me acuseis vós outras, quando
Virdes que em meu auxílio ando invocando
As Ninfas do Mondego, ou as do Tejo.

Convosco um eco ao mundo dar desejo
Maior que o bom Camões; (...)⁷

Nessa fase de maior afirmação identitária, o poeta se volta francamente para a terra natal, imaginando uma pátria mítica, a das origens, projetada no futuro, como numa Idade de Ouro, recriada pelo desejo. No poema intitulado “Na imagem de ua Nau soçobrada se pinta o decadente estado das Minas, e se lhe auspicia felicíssimo reparo”, recitado em Vila Rica em 1768, na posse do novo governador das Minas, Luís da Cunha Meneses, o Conde de Valadares,

⁶ O poema, escrito em homenagem ao nascimento de José Tomás de Meneses, filho do governador de Minas, d. Rodrigo José de Meneses, foi publicado pela primeira vez em Lisboa, em 1794. O restante do poema pode ser lido em *Poesias*, obra do poeta publicada juntamente com a poesia completa de Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga (PEIXOTO, 1996, p. 976).

⁷ Veja-se todo o poema em *O Parnaso obsequioso e Obras poéticas* (COSTA, 1996, p. 337).

o poeta descreve a situação de penúria das Minas, projetando melhores dias para os mineiros. Esse poema é bem um exemplo do racionalismo utópico que dominou as mentes iluministas do setecentos. Como essa composição, a peça *O Parnaso obsequioso* (1768) descreve os “novos tempos” para as Minas Gerais, utopia em viés patriótico, nem sempre ressaltada nos estudos da poesia de Cláudio Manuel da Costa. Usando como estratégia a retórica da persuasão, esse poema encomiástico é um recurso utilizado pelo poeta para atrair o conde às causas da Capitania, submetida ao jugo de impostos cada vez mais arrojados. Imagina então um conselho de deuses e de musas, apoiado por um coro de músicos, saudando os novos tempos:

Mús.	Já despede a fria noite Toda a sombra, todo o horror; Torna ao mundo o novo dia, Que enche a terra de esplendor.
Apolo	Douram-se os montes,
Merc.	Riem-se os vales,
Ambos	Das claras fontes Brilha o licor. (...)

E ainda:

Calíope	Ao distante país das novas Minas Hoje o vemos passar; altos progressos Dele espere o seu Rei; o Povo aflito Ali respirava; desde o seu seio Liberal se verá brotar a Terra Quanto avara recata, O diamante, a safira, o ouro, a prata. ⁸
---------	---

Tanto o poema “Na imagem de ua Nau soçobrada ...”, quanto o drama *O Parnaso obsequioso* descrevem uma “pátria imaginária”, desejada, não situada no passado, mas sonho a ser perseguido com o auxílio do poder instituído.

Já o poema “Vila Rica”, de 1773 (publicado postumamente, pela primeira vez na íntegra, em 1839), é um canto de louvor à vila nascente. Poucas cidades ou vilas tiveram a glória de serem, como Vila Rica, contempladas com um poema narrando amorosamente sua fundação, onde a história e o

⁸ Trata-se aqui da abertura do drama *O Parnaso obsequioso*, representado em Vila Rica em dezembro de 1768, no dia do aniversário do recém-empossado governador de Minas, o Conde de Valadares (COSTA, 1996, p. 316).

mito se entrelaçam. Logo na abertura do poema, referindo-se a Antônio de Albuquerque Coelho, o desbravador das Minas, dirá o poeta:

Cantemos, Musa, a fundação primeira
Da Capital das Minas, onde inteira
Se guarda ainda, e vive inda a memória
Que enche de aplauso de Albuquerque a história.⁹

Ao longo dos dez cantos que o constituem, o poema “Vila Rica” vai narrando os atos heróicos dos desbravadores, os obstáculos enfrentados, o mito da origem, até a fundação da vila. Prevendo a permanência da cidade e sua glória nas memórias futuras, termina o poeta:

Enfim serás cantada Vila Rica,
Teu nome impresso nas memórias fica;
Terás a glória de ter dado o berço
A quem te faz girar pelo Universo.¹⁰

A presença dessa Vila Rica grandiosa, dessa Minas colonial, dos bandeirantes, da descoberta do ouro, das pedras, a Minas das origens, é certamente a que mais apelo tem no imaginário social. E rendeu belíssimos poemas, dentro ou fora do Estado. Drummond, como tanto outros poetas, foi sensível a esse apelo da tradição colonial mineira. Em “Lanterna mágica” (de *Alguma poesia*, 1930), onde focaliza as velhas cidades mineiras, os versos dedicados a Sabará falam de uma história, de alguma coisa que permanece no tempo e no imaginário das gentes, como um patrimônio perenizado pela memória, mesmo que o presente se constitua numa ameaça:

A água que corre
já viu o Borba.
Não a que corre,
mas a que não pára nunca
de correr.
Ai tempo!

Nem é bom pensar nessas coisas mortas, muito mortas.
Os séculos cheiram a mofo
e a história está cheia de teias de aranha.

⁹ O poema se faz preceder de um “Fundamento histórico” e vai sendo acompanhado por Notas do Autor, visando maior esclarecimento de passagens da história de Minas referidas nos versos (COSTA, 1996, p. 377).

¹⁰ A glória aqui, embora pareça à primeira vista referir-se à do poeta, a nosso ver diz respeito ao poema, este, sim, aquele que, na visão do autor, fará a cidade ser conhecida na posteridade (COSTA, 1996, p. 446).

Na água suja, barrenta, a canoa deixa um sulco logo apagado.
Quede os bandeirantes?
O Borba sumiu.
Dona Maria Pimenta morreu.

Mas tudo é inexoravelmente colonial:
bancos janelas fechaduras lampiões.
O casario alastra-se na cacunda dos morros,
rebanho dócil pastoreado por igrejas:
(...)
Sabará veste com orgulho seus andrajos...
Faz muito bem, cidade teimosa!
(...)

O presente vem de mansinho
de repente dá um salto:
cartaz de cinema com fita americana.

E o trem bufando na ponte preta
é um bicho comendo as casas velhas.¹¹

Na sequência desses versos, o trecho dedicado a Itabira ressalta a idéia de que, mais do que habitar um território, somos habitados por ele, para sempre impregnados de sua substância. Diz o poeta:

Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.
Na cidade toda de ferro
as ferraduras batem como sinos.
Os meninos seguem para a escola.
Os homens olham para o chão.
Os ingleses compram a mina
Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.¹²

Minas Gerais e, em particular, a cidade da origem, Itabira, serão uma constante na obra de Drummond e, quando afastado desses espaços, a lembrança será quase sempre dolorosa, como se vê em “Confidência do itabirano” (de *Sentimento do mundo*, 1940): “Itabira é apenas uma fotografia na parede. / Mas como dói!” (1973, p. 102).

No poema “A ilusão do migrante”, de *Farewell*, obra póstuma (1996), fica patente essa constante:

¹¹ Além de Sabará, “Lanterna mágica” focaliza, entre outras cidades, Belo Horizonte, Caeté, Itabira, São João del-Rei (DRUMMOND, 1973, p. 57-59).

¹² Esses versos fecham a sequência dedicada a Itabira (DRUMMOND, p. 58).

Quando vim de minha terra
se é que vim de minha terra
(não estou morto por lá?)
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá onde me despedia.¹³
(...)

A cidade moderna tem sido vista nos estudos atuais como o espaço da solidão, da antimemória, da fragmentação do sujeito. Drummond não ficou imune a esse tipo de “violência” das grandes cidades, como se vê no poema “A bruxa” (de José, 1942). Nessa época Drummond já estava no Rio de Janeiro, trabalhando no gabinete de Gustavo Capanema:

Nesta cidade do Rio,
de dois milhões de habitantes,
estou sozinho no quarto,
estou sozinho na América.
Estarei mesmo sozinho?
Ainda há pouco um ruído
anunciou vida a meu lado.
Certo não é vida humana,
mas é vida.
E sinto a bruxa
presa na zona de luz.
De dois milhões de habitantes!
E nem precisava tanto...
Precisava de um amigo,
desses calados, distantes,
que lêem verso de Horácio
mas secretamente influem
na vida, no amor, na carne.
Estou só, não tenho amigo,
e a essa hora tardia
como procurar amigo?
E nem precisava tanto.
(...)¹⁴

¹³ O título do livro onde se acha esse poema, *Farewell* (DRUMMOND, 1996, p. 20), sugere igualmente uma despedida, só que, agora, definitiva. O poeta partiria para sempre em 1986.

¹⁴ Apesar do desconforto, ou da solidão vivenciada nos grandes centros urbanos, como se vê nesse poema (DRUMMOND, 1973, p. 121), o poeta viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro.

Momentos como esses, de solidão, desamparo e exílio, são frequentes em Drummond, e é na recriação imaginária da terra natal que ele vislumbra as âncoras de que necessita para se reencontrar. Em “Prece de mineiro no Rio”, do livro *A vida passada a limpo* (1959), fica evidente o esgarçamento do sujeito que busca nas origens a unidade, a integridade psicológica a ser recuperada ou reconstruída. Essa situação de exílio, de distanciamento da comunidade de origem e, por conseguinte, dos costumes, da tradição, é traço comum à literatura da modernidade e um sinal dos tempos. Veja-se nesse poema o apelo a algo impalpável e insólito, o “Espírito de Minas”, capaz de instalar a ordem e a luz. Pode-se ver nesse “espírito de Minas” a figura dos Gênios, da mitologia romana, seres imanes a indivíduos, lugares, sociedades, cidades etc., simbolizando seu ser espiritual. Pierre Grimal esclarece que os Gênios “nascem ao mesmo tempo que o homem ou que a coisa a que estão ligados e têm como função essencial conservar a sua existência” (1993, p. 183). Apesar de longo, vale a pena transcrever na íntegra este belíssimo hino a Minas Gerais:

Espírito de Minas, me visita,
e sobre a confusão desta cidade,
onde voz e buzina se confundem,
lança teu claro raio ordenador.
Conserva em mim ao menos a metade
do que fui de nascença e a vida esgarça:
não quero ser um móvel num imóvel,
quero firme e discreto o meu amor,
meu gesto sempre natural,
mesmo brusco ou pesado,
e só me punja
a saudade da pátria imaginária.
Essa mesma, não muito. Balançando
entre o real e o irreal, quero viver
como é de sua essência e nos segredas,
capaz de dedicar-me em corpo e alma,
sem apego servil ainda o mais brande.
Por vezes, emudeces. Não te sinto
a soprar da azulada serrania
onde galopam sombras e memórias
de gente que, de humilde, era orgulhosa
e fazia da crosta mineral
um solo humano em seu despojamento.
Outras vezes te invocam, mas negando-te,
como se colhe e se espezinha a rosa.

Os que zombam de ti não te conhecem
na força com que, esquivo, te retrais
e mais límpido quedas, como ausente,
quanto mais te penetra a realidade.
Desprendido de imagens que se rompem
a um capricho dos deuses, tu regressas
ao que, fora do tempo, é tempo infindo,
no secreto semblante da verdade.
Espírito mineiro, circumspecto
talvez, mas encerrando uma partícula
de fogo embriagador, que lavra súbito,
e, se cabe, a ser doidos nos inclinas:
não me fujas no Rio de Janeiro,
como a nuvem se afasta e a ave se alonga,
mas abre um portulano ante meus olhos
que a teu profundo mar conduza, Minas,
Minas além do som, Minas Gerais.¹⁵

O estudo da identidade na poesia produzida em Minas Gerais pode levar-nos a inúmeras veredas. Demos aqui uma pequena amostra desses caminhos, certamente muito mais ricos e numerosos. “Minas são muitas e várias”, como muitos e vários são nossos poetas, e rica nossa poesia; e, como diria Guimarães Rosa, “o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”.¹⁶

Enquanto existirem poetas, podemos falar de “mineiridade”, não como algo estático e acabado, mas como algo em permanente construção. E por essa construção somos todos responsáveis.

Abstract

In the work of many canonical poets from the literary history of Minas Gerais, such as Cláudio Manuel da Costa and Carlos Drummond de Andrade, memory is intimately linked with the origins of the territory formation, as well as with the attempt to construct an individual or collective identity, always in progress and permanently open,

¹⁵ No poema (DRUMMOND, 1973, p. 304-305), como um marinheiro antigo, o poeta, com a recorrência ao portulano, roteiro usado nas navegações dos velhos tempos, já nos posiciona na direção das origens, dos tempos primevos, do mar infinito, do regaço materno, da terra-mãe, berço, família, linguagem; enfim, das âncoras da identidade.

¹⁶ Nas primeiras páginas de *Grande sertão: veredas* (1994, p. 20), Riobaldo, em seu monólogo, vai tecendo considerações sobre a sempre presente incompletude e complexidade do ser humano.

despite preserving the marks of tradition. This article aims at showing that movement back to the past in poems or in fragments of poems, and, simultaneously, the poets' contribution to the constitution of a collective identity in continuous and complex formation.

Key words: Poetry; Identity; Tradition; Minas Gerais.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A paixão medida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- COSTA, Cláudio Manuel da. O Parnaso obsequioso e Obras poéticas. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar *et al.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.
- PEIXOTO, Inácio José de Alvarenga. Poesias. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar *et al.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- SIGNORINI, Inês. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

